
“A estratégia do ceder para não perder”: O Maracatu Rural como um campo de luta

“The strategy of giving to not lose”: Rural Maracatu as a battlefield

ROBERTA DE ALBUQUERQUE PEREIRA*
ANDRÉ LUIZ MARANHÃO DE SOUZA LEÃO**

RESUMO

Em um mundo em que as relações mercantis orientam a sociedade contemporânea, vive-se uma dinâmica de disputas de espaços. Inserido em um mercado de entretenimento e na indústria do turismo, o Maracatu Rural de Pernambuco tem sido formatado como produto cultural. Adotando-se a sociologia econômica de Pierre Bourdieu como suporte teórico, o presente estudo buscou compreender como se configura o campo do Maracatu Rural em Pernambuco diante de uma lógica econômica. Para tal, realizou-se a presente pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico e interpretativista, por meio de observações, bem como de entrevistas decorrentes de interações com agentes do campo.

Palavras-chave: Campo de Lutas; Maracatu Rural; Produto Cultural; Estudo Etnográfico.

* Universidade Federal de Pernambuco. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Administração - PROPAD/UFPE (2014). Graduada em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (2011) e em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Pernambuco (2009). <http://lattes.cnpq.br/7322223948986924>
robertapropad@gmail.com

** UFPE. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor adjunto do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Pernambuco (DCA/UFPE). Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inovação, Tecnologia e Consumo (GITEC). Líder do Tema Estratégias e Métodos de Pesquisa Quantitativos e Qualitativos da Divisão Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade da ANPAD. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq). aleao21@hotmail.com

ABSTRACT

In a world where market relations guide the contemporary social life, it lives a dynamic of dispute for space. Inserted in an entertainment market and in the tourism industry, the Rural Maracatu of Pernambuco has been fitted as a cultural product. Adopting Pierre Bourdieu's economic sociology as theoretical support, this study sought to understand how the Rural Maracatu of Pernambuco field is configured in face of an economic logic. For such, it was undergone this qualitative research, in an ethnographic and interpretative approach, through observations, as well as interviews arising from interactions with the field agents.

Keywords: Battlefield; Rural Maracatu; Cultural Product; Ethnographic study.

INTRODUÇÃO

Um Estado marcado pela diversidade cultural, Pernambuco, é conhecido nacionalmente e internacionalmente, segundo Grillo (2011) como um celeiro cultural. De acordo com Shinohara et al. (2013), o resultado desse imbricamento se dá pela influência dos nossos colonizadores índios, portugueses, africanos, holandeses e judeus.

Decorrente da seara cultural que Pernambuco dispõe, o setor turístico viu a oportunidade de utilizar esses recursos para desenvolver-se, tornando-se uma das principais atividades econômicas do Estado, gerando emprego e renda, assim como, movimentando a economia local, segundo a Empetur (2013).

Os órgãos responsáveis por desenvolver estratégias atrativas para fomentar os destinos turísticos buscaram criar ações de cunho integrador de forma a promover e incentivar a interiorização do Estado. Um projeto que teve esse perfil foi o Pernambuco Conhece Pernambuco, que objetivou desenvolver e estimular a expansão do turismo não apenas na área litorânea, mas adentrou o Estado chegando ao sertão, por meio de criação de Rotas. Essas foram vinculadas ao programa do Ministério do Turismo, conhecido como Roteiros do Brasil (SINDETUR-PE, 2012).

As Rotas Turísticas são divididas por setores de acordo com as particularidades da região que se encontra, por exemplo: Rota do Cangaço, Sol e Mar e Dos Engenhos e Maracatus. Cada Rota possui um ícone que a representa com um caráter de tradição. Segundo a

Sindetur (2012), essas rotas intencionam valorizar a cultura popular de cada região. Contudo, vislumbramos essa divulgação não por uma ótica da valorização de uma cultura apenas, mas também pelas questões econômicas que as circundam. Sendo assim, essa promoção cultural torna-se responsável por construir novos significados, “culturalizando” uma mercadoria e tornando-a tradicionalmente legítima.

Entre as Rotas existentes no Projeto PE conhece PE, vamos nos ater apenas à Rota dos Engenhos e Maracatus, tendo em vista esta conter o nosso objeto de trabalho, o Maracatu Rural. De acordo com a Empetur (2013), entre todas as cidades dessa região, a cidade de Nazaré da Mata é a que possui maior quantidade de grupos e por isso recebe o título de Terra dos Maracatus, além de acolher o Maracatu Rural mais antigo do Estado, o Cambinda Brasileira.

De acordo com Silva (2008), o brinquedo Maracatu Rural, foi a maneira que os escravos recém libertos encontraram para desopilar-se dos duros momentos de labuta nos canaviais. O autor afirma ainda que o Maracatu sofre influência de outras manifestações culturais, como o cavalo-marinho, o bumba-meu-boi, caboclinho, pastoril, entre outras.

O maracatu rural ganha visibilidade midiática, decorrente do movimento do *mangue beat*. Segundo Tesser (2007), é na década de 90 que o brinquedo rompe as fronteiras locais, ganhando espaço nacional e internacionalmente. Tal fato permitiu o resgate de questões culturais e de uma identidade local, difundindo essa cultura para diversas pessoas. Em meio à visibilidade adquirida pelo brinquedo, decorrente da divulgação de artistas, o mercado do entretenimento apropria-se dessa oportunidade para ganhar dinheiro ressignificando o maracatu em produto cultural.

Diante de observações em campo, identificamos que a distinção desse folguedo ocorrera devido às relações de poder envolvidas no mercado do entretenimento, compreendendo diretamente o campo do maracatu rural. Tal fato nos levou a refletir como o brinquedo se estrutura, de forma a atender a um nicho de mercado, seja por mudanças comportamentais, históricas ou estruturais. Desse modo, buscamos uma teoria que nos fornecesse embasamento para entender o funcionamento dessa prática, e encontramos na sociologia econômica de Pierre Bourdieu fundamentações para explicar o fenômeno,

uma vez que esta apresenta como as relações sociais estruturam e são estruturadas, por meio de leis do campo econômico e nos proporcionam entender como se configura o campo do Maracatu Rural em Pernambuco diante de uma lógica econômica?

As inquietações para entender o funcionamento das posições e disposições do brinquedo, na construção social desse campo, nos levaram à realização deste artigo. Tal fato nos induziu a pensar o maracatu rural como uma organização comercial, embasado em uma lógica de concorrência, em que o objetivo principal seria o lucro. Os impactos causados devido a essas mudanças são significativos no que tange à construção de identidade de uma comunidade ou grupo social, uma vez que eles têm os seus princípios modificados. Diante do exposto, norteou este trabalho a busca para entender como os folgazões organizam-se internamente atendendo a essa dinâmica financeira, e como as disposições dos campos políticos e econômicos influenciam internamente os agentes do maracatu, a fim de ressignificá-los em espetáculos do carnaval. Sendo assim, o folguedo ganha novos significados para atender a uma produção de bens simbólicos.

FORMANDO UM CORTEJO

O Maracatu Rural, brinquedo tipicamente da zona da mata canavieira, tem sua organização estrutural formada pelos seguintes personagens: o *Mateu*, a *Catirina* (ou *Catita*) e a *Burra*, que são personagens responsáveis por avisar ao restante do grupo se o caminho está livre para a sua passagem, assim como, roubar comida para alimentar os demais integrantes do maracatu; o *Porta-estandarte*, que é o responsável por segurar a bandeira com o nome, a data da fundação e o símbolo do maracatu. Era de responsabilidade desse folgazão ser ágil e hábil para não deixar nenhum grupo roubá-los. Segundo Lima (2013), a versão mais antiga para o porta-estandarte estava vinculada a um pote, em que os dinheiros arrecadados eram depositados; *Arreiamá*, que tem a função de proteger a corte real, a dama do paço e as baianas; *Dama do Paço*, responsável por carregar a *calunga* (boneca que protege o maracatu); a *corte real*, composta pelo rei e a rainha; o *mestre*, que comanda a brincadeira usando um apito e uma bengala na condução do grupo (LACERDA, 2010); e os *caboclos de lança*, que protegem todos os brincantes do maracatu,

assim como abrem passagem para o mesmo desfilar. É de responsabilidade desses folgazões não permitir que outros brincantes roubem ou invadam os seus grupos, sendo eles temidos e respeitados diante de outros personagens.

A brincadeira, típica de uma cultura canavieira, consistia na disputa entre os grupos por poder e prestígios nas regiões em que se estabeleciam ou na vizinhança. Os folgazões passeavam pelos vilarejos pedindo dinheiro para os moradores para comprar bebidas. Brigas ocorriam com frequência, uma vez que os grupos tentavam roubar uns aos outros. Sendo assim, a brincadeira tinha um caráter machista, devido à forma violenta que a mesma apresentava.

Para atender às questões de comercialização de um mercado do entretenimento, o Maracatu Rural mudou sua configuração na forma de brincar. Segundo Oliveira (2013), essa modificação ocorreu por duas maneiras: por um lado, com uma adaptação do brinquedo às normas impostas por um sistema de consumo e, por outro lado, com uma resistência dos folgazões contra a extinção da brincadeira, aceitando então algumas imposições. O autor corrobora afirmando que a presença da corte real no maracatu rural foi uma imposição da Federação Carnavalesca de Pernambuco, objetivando caracterizar um modelo de tradição.

O concurso do carnaval do Recife funciona como um incentivo aos grupos de folguedos populares do Estado em manter suas tradições vivas. Entretanto, para que esses grupos possam apresentar-se nas passarelas precisam atender a algumas normas estabelecidas pela Federação Carnavalesca de Pernambuco e, no caso do maracatu rural, atender também às regras ditas pela Associação de Maracatus de Baque Solto.

Quando os maracatus são analisados nos pontos de desfile do carnaval, Luna (2013) afirma que essas exposições feitas pelos folgazões nos palcos, às vezes apresentando-se com menos componentes no cortejo, são formas encontradas pelos brincantes em resistir às imposições de mercado, e as mídias têm papel importante nesse processo, pois são responsáveis por divulgar as imagens que acham pertinentes, além de ditar modelos de comportamentos, e tradições a serem seguidas pelos grupos, legitimando e/ou reconstruindo signos como identitários.

Com base nessa observação, as relações de poder são responsáveis pelo norteammento desta pesquisa, na qual utilizaremos a sociologia econômica de Bourdieu para explicar como se dá esse movimento dentro do brinqueado e a forma como se porta em relação às dinâmicas de poder que o cercam.

A lógica da mercadorização à luz da teoria

Um dos aspectos mais importantes da teoria bourdiesiana é o conceito de *campo*. Este, por sua vez, é definido por Bourdieu (2011) como um espaço constituído por regras e princípios próprios, por meio de conflitos e tensões, entre os agentes na busca por espaços e poder. Moraes (2007) contribui afirmando que as ações dos sujeitos, sejam elas individuais e/ou coletivas, se dão por intermédio de uma normatização, criada e transformada constantemente pelas próprias ações, e Marteleto e Nascimento (2004) corroboram, afirmando que a estruturação desse espaço social ocorre por meio das ações dos diferentes agentes, representações, e interações sociais inerentes ao sujeito. Para tanto, Bourdieu (2011) afirma que essas posições ocupadas pelos indivíduos ou grupos nessa estrutura não podem ser definidas apenas como um ponto estático. Ele assume uma posição relativa de superioridade ou inferioridade, mas se deve analisar o sentido do seu trajeto social, podendo indivíduos de classes sociais distintas possuir propriedades comuns nessa trajetória, ou seja, desfrutar de experiências comuns. Diante disso, o sociólogo afirma que os agentes e os grupos de agentes são definidos pelas posições relativas que ocupam, podendo encontrar-se em classes com posições vizinhas.

Bourdieu apresenta, em sua teoria social, a sociedade como estrutura estruturante de um sistema. Seguindo a lógica de mercadorização da cultura, buscamos entender como essa estrutura ocorre dentro de uma dinâmica econômica. Dessa forma, este artigo se baseia na Sociologia Econômica de Bourdieu, em que, segundo Garcia-Parpet (2013), o sociólogo questiona os conceitos da teoria neoclássica da estrutura social econômica, decorrentes de pesquisas realizadas em sociedades que conservavam tradições com economias diferentes da capitalista. Bourdieu (2000) aponta que essas pesquisas o levaram a refletir e perceber o quanto essa lógica mercantil

é imposta, muitas vezes de modo brutal, nas sociedades que agem naturalmente dentro dessa lógica incorporada nas práticas sociais.

Em relação a essa lógica mercantil, Bourdieu apresenta a importância e a influência do agente político na construção do campo econômico. Segundo Raud (2007), o sociólogo afirma que a atuação e tradição do Estado são responsáveis pela construção das sociedades, e por determinar as regras de funcionamento do campo econômico, por meio de infraestrutura jurídica e regulamentos gerais. O Estado também é o responsável por promover disputas entre empresas, criar demanda e oferta, permitir entrada de novas organizações e influenciar as relações de poder entre os agentes do campo econômico. Garcia-Parpet (2013) expõe o campo econômico como o espaço destinado à produção e trocas econômicas por meio de um “capital” que caracteriza instrumento fundamental nas relações de força. Bourdieu (1996) assegura que o campo é construído por intermédio das posições dos agentes, sendo estruturado por um *doxa*, que se refere a um ponto de vista particular, dominante, que se apresenta como universal, por meio do qual criamos o senso comum que é aceito pela sociedade como algo dado, e por um *nomos* que se caracteriza por uma lei tácita que fundamenta o consenso do senso comum.

Os diferentes campos só possuem sentido pelos relacionamentos por meio dos jogos das oposições e distinções, formando o que Bourdieu (2012) chamou de espaços sociais. Essas relações objetivam a dominação dos agentes desprovidos de ascensão social no campo, por intermédio das normas a que eles são submetidos. Para o autor, as lutas pelos interesses dos agentes reduzem a identidade social das pessoas, transformando ou conservando as manifestações simbólicas.

De acordo com Bourdieu (2005), a oferta, a demanda e o mercado são produtos de uma construção social, funcionando como um artefato histórico. O sociólogo apresenta a importância do Estado na criação desses componentes econômicos, em que, por meio de suas ações, como leis de incentivo fiscal e de regulamentação, o Estado é capaz de produzir disposições e preferências individuais, ou seja, o *habitus*. O autor ressalta que o sujeito econômico lida com valores simbólicos em seu processo de compras e este, por sua vez, decorre das relações sociais em que está inserido, tais como familiares e amizades.

Em contrapartida, para que exista o campo, faz-se necessário haver o conceito de *habitus*, que Bourdieu apresenta esse conceito como as construções sociais por meio dos agentes envolvidos. É importante frisar que esses atores sociais constituem classes, e que estas não devem ser compreendidas pela definição de uma situação ou posição na estrutura social, tendo em vista que os indivíduos que compõem essas classes interagem com os de outras, dificultando a percepção de marcas de distinção social. À medida que essas posições são ocupadas, os agentes se veem dentro de um campo de forças, onde eles são colocados a seguir o conjunto de relações existentes nesse campo. O *habitus*, segundo Bourdieu (2010), constitui a forma como interpretamos as coisas, e por sua vez é composto pelo *ethos*, um conjunto de disposições morais e princípios práticos, pela *hexis*, que são princípios interiorizados pelo corpo em posturas e expressões corporais, e pelo *eidos*, um modo específico de pensar baseado em crenças pré-reflexivas.

A inquietação proposta por Bourdieu (2000) à teoria econômica decorre do fato desta ser baseada em um *habitus* econômico particular, pensada em determinado período histórico, e generalizada para todo o sistema econômico, sem ao menos pensar nas questões sociais, históricas e políticas que envolvem os agentes. Raud (2007) afirma que, para Bourdieu, as ações econômicas deveriam ser analisadas por meio da sociologia, uma vez que esta traria uma visão econômica como subconjunto da sociedade.

Bourdieu (2011) acredita que a construção do campo econômico ocorre por meio de lutas, na busca pela dominação de uma classe, e que esse controle é decorrente do acúmulo de capitais que ele chamou de *capital* – compreende toda forma de acúmulo de riqueza, seja ela cultural, social, econômica e simbólica.

Pode-se então entender o *capital econômico*, segundo Bonamino, Alves e Franco (2010), como o capital que se apresenta nas formas de produção (terras, fábricas e trabalho) e bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais), que são acumulados por meio de estratégias de investimentos econômicos ou culturais. Por *capital social*, Bonnewitz (2003) entende o conjunto de relações sociais que um indivíduo possui. Bonamino, Alves e Franco (2010) afirmam que existem duas vertentes para analisar esse capital. A primeira vai

analisar no seio das relações familiares, e a segunda foca o papel das famílias fora de suas intimidades, seus relacionamentos com contextos econômicos, formais, informais. A respeito do *capital cultural*, Bonamino, Alves e Franco (2010) apresentam-no sob três aspectos: o incorporado, objetivado e institucionalizado. O incorporado ocorre com a junção entre o capital e o *habitus*, esta é adquirida inconscientemente não pela hereditariedade, compra ou troca. O objetivado é adquirido por meio de bens culturais (esculturas, livros, pinturas), sendo necessário, nesse caso, obter também capital econômico. E, por fim, o institucionalizado, que é adquirido por intermédio do investimento acadêmico, tendo o seu retorno no mercado de trabalho. Assim, o *capital simbólico* é definido por Bonamino, Alves e Franco (2010) como o conjunto de rituais relacionados à honra e ao reconhecimento. Por meio deste, é possível reconhecer que regras de boa conduta e protocolos não estão limitadas ao controle social, mas às vantagens sociais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dentro da seara de métodos pertencentes à abordagem qualitativa, este artigo é uma análise interpretativista, optando por um estudo de caráter etnográfico, e não por uma etnografia propriamente dita. O caráter etnográfico alinha-se à Sociologia Interacional, uma vez que essa se relaciona com a busca do entendimento dos significados e dos discursos a partir de pistas advindas de interações sociais (GOFFMAN, 1964). Essas pistas constroem cenários e dão significados às interações face a face, uma vez que os detalhes constituintes da pragmática da linguagem permitem uma compreensão não apenas no nível da semântica, mas no tocante ao contexto (RIBEIRO e GARCEZ, 2002).

Decorrente do caráter naturalista/construtivista que se enquadra este artigo, a escolha pela abordagem sociológica foi contundente, uma vez que o *corpus* foi construído por meio de observações participantes, alinhadas às interações sociais. Complementarmente às observações, utilizamos como técnica principal as entrevistas etnográficas, visto que elas permitiram entender o que estava para além do que foi dito. Por meio dessa observação foi possível imergir no campo de análise, analisando os fenômenos a

partir da perspectiva de um membro, assim como influenciando o que era visto (FLICK, 2004).

Alinhado às observações participantes, as entrevistas etnográficas foram utilizadas, uma vez que estas proporcionam ao pesquisador uma melhor compreensão do mundo dos entrevistados, tendo em vista as suas experiências pessoais, dinâmica interpessoal e significados culturais (HEYL, 2001). Apoiados pelas constatações, as entrevistas ocorreram de forma natural, sem haver necessidade de esboçar perguntas estruturadas. A coleta dos dados deu-se por visitas *in loco*, em eventos carnavalescos, sedes dos grupos do interior e da capital. Quanto às categorias analíticas da sociolinguística interacional, utilizamos como referência o protocolo proposto por Leão e Mello (2007), uma vez que os autores organizam as categorias em quatro grupos: aspectos não-verbais paralinguístico; aspectos extralinguísticos; aspectos de visão êmica; e aspectos de definição do “eu”.

Ter em mãos as categorias analíticas facilitou identificarmos as categorias teóricas. Baseamo-nos na organização das categorias bourdieusianas proposta por Gaião e Leão (2012), que, de acordo com os conceitos basilares de Bourdieu, o protocolo foi dividido em quatro grupos: *posição* – o Campo é estruturado de acordo com as posições ocupadas pelos agentes (*doxa, nomos* e classe); *disposição* – consiste na predisposição dos agentes para a prática social, conforme processos de socialização (*eidós, ethos* e *hexis*); *capitais* – acúmulo de riquezas, sejam elas de ordem cultural, social, econômica ou simbólica; e, por fim, *dominação*, expresso por meio do poder simbólico, da violência simbólica, da reprodução social e do *illusio*.

A utilização do protocolo analítico alinhado às teorias de Bourdieu nos levou à identificação das categorias empíricas apresentadas adiante.

Assumindo o caráter qualitativo da pesquisa e que a subjetividade e a valorização da visão de mundo dos sujeitos são contundentes nos dados coletados, foi necessário empregar um mecanismo de controle para validar os dados, a fim de torná-los confiáveis. Utilizamos dessa forma os critérios de validade e confiabilidade propostos por Paiva, Leão e Mello (2007), que são: *triangulação* de fontes, em que usamos diferentes técnicas de coleta de dados; *re-*

flexibilidade, que Ullrich (2012) caracteriza como um questionamento crítico dos valores e crenças, por meio de um pensamento racional; *clareza nos procedimentos e transferência*, em que nos propomos detalhar amiúde como se deu sua elaboração, desde a concepção de uma problemática inicial até o detalhamento dos dados analisados, a fim de não deixar *dúvidas nos* leitores sobre os passos que percorremos.

CAMPO DE LUTAS

Utilizamos o conceito de campo para analisarmos as nossas categorias, uma vez que compreendemos o funcionamento do maracatu rural como um lugar de disputas por espaços, por distinção e legitimação de poder. Entendemos que todo campo é composto por agentes que buscam sobressair-se por meio de seus capitais, legitimando-se no poder. Compreendemos também que esse ambiente, possui regras próprias, que orientam a dinâmica entre os agentes. Desse modo, apresentaremos algumas categorias observadas in loco, que corroboram para a manutenção do objeto estudado. É de nosso conhecimento que essa manutenção ocorra por intermédio de duas esferas, uma relacionada ao movimento interno do brinqueado, com regras que controlam e organizam os agentes praticantes do brinqueado, e em relação ao ambiente externo, onde questões políticas e econômicas são responsáveis pela configuração do brinqueado na forma como se apresenta atualmente.

ARRUMANDO-SE PARA A GUERRA

Por essa categoria, entendemos a disposição e arrumação dos personagens do maracatu, assim como a concepção dos elementos que o compõem. Vimos que esta apresenta-se sob duas facetas, uma em relação à arrumação interna – uma vez que os brincantes são organizados de acordo com um arranjo físico próprio do brinqueado – e a outra arrumação se dá em relação ao campo externo – visto que há normas que regulamentam como o maracatu rural deve ser organizado. As facetas observadas são: Organização das posições (papéis) dos brincantes e Organização das posições espaciais do brinqueado.

Por *organização das posições (papéis) dos brincantes* identificamos que o brinqueado, devido à sua origem histórica, possui uma organização estrutural, em que os personagens são dispostos de acordo

com funções específicas. Como o maracatu diz respeito a um campo de luta entre tribos, os papéis dentro do brinqueado são ordenados visando à defesa de todos os personagens do grupo.

Ilustrando essa categoria de acordo com os registros de campo, observamos que nos ensaios havia uma organização entre os folgazões. No momento em que começavam os ensaios, os brincantes posicionavam-se nos seus respectivos lugares, de acordo com os papéis que eles representavam dentro do cortejo. Conversando com o diretor do Leãozinho de Aliança, ele afirma que não é qualquer pessoa que pode assumir o papel de Dama do Paço (personagem responsável por segurar a calunga – boneca que protege o cortejo), ele muda a sua postura, o tom de voz fica mais grave e diz: “Dama de Paço é a principal personagem do cortejo e nem todas as pessoas estão preparadas para ocupar esse lugar e segurar a calunga”.

Por meio de aspectos paralinguísticos, com uma entoação exclamativa, a fala do diretor nos levou a refletir acerca de outros aspectos tangenciais aos personagens, no caso as questões espirituais. Devido à importância da calunga no cortejo, o fato de a Dama do Paço segurar a boneca eleva-a a um patamar diferenciado dos demais personagens.

Por *organização das posições espaciais do brinqueado*, identificamos a influência de normas externas ao campo, que regulamentaram uma nova organização estrutural, assim como, a introdução de novos personagens no maracatu rural. Em meio aos ensaios, observamos que decorrente da sinalização dos mestres, os brincantes organizavam o maracatu de acordo com as posições já predefinidas do maracatu.

Relacionando a categoria *organização do brinqueado* com a teoria de Bourdieu, reconhecemos a existência de agentes reguladores, grupos e Federação Carnavalesca de Pernambuco, que são responsáveis por organizar e estruturar as posições e personagens do maracatu. Do ponto de vista do campo, reconhecemos um *doxa*, uma vez que a estrutura do brinqueado é consensualmente definida e aceita pelos brincantes. Inicialmente, essas posições foram organizadas, obedecendo a uma lógica de defesa, tendo em vista que as tribos disputavam entre si, ou com os colonizadores. Por *nomos*, assumimos a imposição por parte do agente Federação Carnavalesca de Pernambuco, ao estabelecer normas para estruturar o brinqueado, da

forma como vemos hoje, introduzindo personagens que antes não faziam parte, por exemplo, da corte real.

Em relação ao *habitus*, atrelamos um *eidos* à Federação Carnavalesca, uma vez que há uma decisão arbitrária de padronizar os dois maracatus, nação e rural, em um só modelo; *ethos* em relação às posições espaciais, visto que por meio destas os brincantes trazem para o seu cotidiano posturas condizentes ao papel que desempenham no cortejo e *hexis* nas posturas dos brincantes.

Quanto aos capitais, reconhecemos o cultural na figura do diretor, pois este traz consigo conhecimentos acerca de como devem ser organizados e ocupados os papéis no brinquedo, entretanto, reconhecemos a falta de um *capital cultural*, por parte da Federação, uma vez que a falta de conhecimento sobre o brinquedo os faz agir arbitrariamente, padronizando o maracatu em um só modelo. Identificamos o *capital social*, em que essa prática de organização ocorre por meio de pessoas, que por terem sido ensinadas, reproduzem essa lógica naturalmente. Observamos o *capital simbólico* na Federação Carnavalesca de Pernambuco, inicialmente, pela influência que esta exerce em relação ao brinquedo, e segundo, porque os folgazões e diretores reconhecem a importância da instituição para a divulgação e continuação do brinquedo.

Por fim, nas relações de poder, reconhecemos uma *reprodução social* por parte dos folgazões ao ocuparem determinados papéis, aprendem como devem se portar, e passam para os demais folgazões que ocupam posições equivalentes às suas. *Violência simbólica* por parte da Federação Carnavalesca, uma vez que ao impor personagens que não existiam no cortejo, ela acaba ferindo as raízes do maracatu, assim como os violenta, quando tenta nivelar os dois tipos de maracatus em relação aos personagens. Como o Estado é importante e influente na manutenção do campo econômico, segundo Bourdieu, identificamos o *poder simbólico* na Federação Carnavalesca, uma vez que esse agente regulador tem o poder de dizer quem desfila ou não, e quando não permite que os grupos fora dos padrões se apresentem.

SEGUINDO O MESTRE

Entendemos essa categoria como a submissão dos folgazões às “vontades” dos mestres. Estas, por sua vez, não se caracterizam em

vontades pessoais, mas ao que diz respeito às normas e regras de funcionamento do brinquedo maracatu. Essa obediência ocorre em relação à posição que o brincante, mestre, ocupa.

Ilustrando esse comportamento, domingo de carnaval de 2013, o diretor do Maracatu Leão Formoso de Olinda, que também atua como mestre (já que conduzia o cortejo), sobe ao Morro da Conceição com o restante do grupo para pagar uma promessa realizada pelo próprio diretor. Os caboclos seguem independente de suas crenças, apenas por fazer parte de um grupo.

Por *desrespeito ao mestre* identificamos que, apesar dos folgazões conhecerem as normas que conduzem o funcionamento do brinquedo, em que há uma hierarquia entre os personagens do cortejo, mesmo assim há brincantes de níveis inferiores que possuem má conduta em relação aos representantes hierarquicamente superiores.

Observamos no ensaio do Maracatu Piaba de Ouro uma interação entre o caboclo de lança e o mestre. Um caboclo pega a bengala de um mestre e fica movimentando-a, passando-a entre as mãos. Esse mesmo caboclo, sorrindo, finge que vai derrubar a bengala. O mestre, no susto, pega a bengala e fala alguma coisa, olhando como se não tivesse gostado e sai de perto do caboclo. Pelo fato de a bengala simbolizar a superioridade do caboclo, interpretamos essa atitude como se o caboclo colocasse em questão a integridade do mestre diante dos outros folgazões.

Relacionando a categoria *Obediência ao mestre* à teoria de Bourdieu. Entre os agentes do campo maracatu, evidenciamos a prática da obediência dos folgazões em relação aos seus mestres. Quanto ao desrespeito, evidenciamos apenas os caboclos em relação aos mestres, fato que não impede que outros folgazões também assumam uma postura desobediente. Analisando essa categoria à luz da teoria de Bourdieu, observamos que, no tocante ao campo, essa obediência dos brincantes revela uma *classe* dominada, caracteriza-se um *doxa*, pelo fato de o respeito ao superior ser visto como comportamento socialmente aceito e politicamente correto. Em relação ao *habitus*, reconhecemos na postura do mestre que manuseava a bengala uma *hexis*. Identificamos um *eidós*, quando o caboclo tem uma intencionalidade na brincadeira, pois sabia o que representava a bengala para o mestre. Refletimos um *ethos* na obediência em relação à aceitação

dos folgazões em pagar uma promessa que não é deles, e na falta de temor e de respeito que o caboclo teve em relação ao seu superior.

Em relação aos capitais, reconhecemos o *simbólico*, uma vez que o prestígio do mestre faz que os folgazões possuam uma atitude de obediência e respeito, reconhecemos o cultural no desrespeito, no caso do exemplo citado, o caboclo tem o conhecimento necessário para saber o significado da bengala para o mestre. Identificamos o social, porque a construção e a reprodução desse conhecimento sobre as regras do brinqueado foram possíveis por meio desse contato com outras pessoas.

A respeito das relações de poder envolvidas, identificamos uma *violência simbólica* na faceta devoção, uma vez que nem todos os folgazões são católicos. Ainda, por *violência simbólica*, reconhecemos o desrespeito do caboclo ao tentar derrubar a bengala do mestre. Esse ato, para os que compartilham dos códigos do maracatu revela que a bengala é o símbolo de autoridade do mestre. Reconhecemos o *poder simbólico* na faceta devoção, uma vez que, por ocupar posição de destaque, o mestre e diretor tem o poder legítimo de delegar ordens, e tal fato faz que os brincantes lhe obedeçam.

SEU REI MANDOU DIZER

Por esta categoria identificamos as ações arbitrárias dos diretores em relação aos brincantes. O fato de ocuparem posições hierarquicamente superiores que lhes proporcionam poder legitima a esses agentes o direito de dar ordens internas e externas ao campo maracatu, desde que estas estejam relacionadas ao funcionamento do brinqueado. Complementarmente ao autoritarismo, observamos que os diretores também utilizam de ameaças para conseguir o que desejam.

Identificamos uma postura autoritária no carnaval, entre diretor e folgazão, em que o primeiro proibiu que os folgazões bebessem no período de carnaval. Vale ressaltar que a relação brincante, bebida, carnaval e maracatu se completam. É da essência do brinqueado o ato de beber.

Por *ameaça* observamos como os diretores, por meio de ações intimidadoras, conseguem que os folgazões trabalhem em prol de interesses pessoais dos diretores. A forma de falar e de agir diz muito a respeito de como esses diretores lidam com os seus subordinados.

Em conversa com o diretor Leãozinho de Aliança, a respeito do início do maracatu e como foi ser dono do mesmo:

Pai disse que ajudava o maracatu, mas que em troca recebesse alguma coisa de volta. Ele disse que não ia entrar no maracatu, ele gosta de maracatu, mas não podia tirar do bolso dele, investir no maracatu dele [primeiro dono] e depois não ter a volta. Pai disse que se ele não tiver volta, ele tomava tudo que ele tinha [falando em relação ao maracatu]...

Relacionando a categoria *Autoritarismo dos diretores* com a teoria de Bourdieu: Entre os agentes do campo maracatu evidenciamos essa prática pelos agentes diretores, e analisaremos essa categoria à luz da teoria de Bourdieu.

Em relação ao campo, identificamos uma *classe* dominante composta pelos diretores que assumem essa postura autoritária e de ameaçar *classes* dominadas devido ao *nomos* advindo da relação senhores de engenho e escravos, tendo em vista a predominância da cultura açucareira entre eles. Também identificamos, na ameaça, um *nomos* análogo às disputas dos senhores de engenho por terras, no nosso caso, a disputa seria pela posse do maracatu.

Em relação ao *habitus*, reconhecemos um *eidós*, uma vez que as atitudes dos diretores são baseadas na crença de conseguir algo melhor para o grupo, e para si, a ideia do campo de lutas, em que o agente que tiver maior capital consegue legitimar-se no campo. Identificamos uma *hexis* por meio de posturas expressas pelos diretores em ameaçar, brigar, e ir atrás de seu bem.

Em relação aos capitais, reconhecemos o *capital simbólico* pelo fato de o diretor ocupar uma posição de status e prestígio; o *capital cultural*, pois ele foi preparado por meio de ensinamentos para ocupar aquela posição; e o *capital social* pelas relações sociais que permitiram adquirir o conhecimento necessário para assumir o posto de direção.

De acordo com as relações de poder, identificamos uma *reprodução social*, uma vez que o autoritarismo vai sendo passado entre os agentes dessa *classe*, como algo relacionado à posição que ocupam, por meio da ideia de intimidar outrem em busca de um objetivo próprio. *Illusio* por acreditarem que essa atitude é efetiva de um

campo e continuarem perpetuando. Identificamos *violência simbólica* pelo fato de o diretor proibir a liberdade dos folgazões em brincar bêbados ou beber antes dos eventos. Por fim, reconhecemos um *poder simbólico*, pois, apesar da imposição de condutas pelos diretores, os folgazões reconhecem a posição de autoridade que o indivíduo ocupa e acabam obedecendo, mesmo que contra a vontade.

UMA DISPUTA POR PODER

Entendemos essa categoria como a disputa entre os agentes internos, ao campo do maracatu rural, para que tudo permaneça como está. É necessário que haja agentes ocupando posições espaciais, internas e externas ao brinquedo, regulamentando o seu funcionamento, assim como estruturando-o hierarquicamente, a fim de conseguir que esse controle esteja nas mãos dos poucos que sempre detiveram autoridade ou domínio sobre todas as atividades relacionadas ao brinquedo. Vale ressaltar que essa manutenção pode ocorrer entre *classes* de mesmo nível ou de diferentes níveis hierárquicos, neste caso, entre grupos, folgazões e diretores.

Por *responsabilidade de assumir o brinquedo*, entendemos a sucessão da direção do brinquedo por algumas pessoas, com habilidades necessárias para assumir o cargo. Geralmente, essa herança é adquirida entre parentes de primeiro grau. Tal fato ocorre para que o brinquedo não saia do controle familiar.

Como exemplo dessa categoria, conversamos com o diretor do Maracatu Leãozinho de Aliança, que nos contou como foi que assumiu o posto de direção do grupo. Inicialmente, o maracatu fora herdado pelo seu pai devido à sua competência em administrar o grupo, mas cansado do trabalho de comandar o maracatu, ele precisava passar a administração para alguém. O diretor diz que, apesar de ter outras pessoas que pudessem assumir a diretoria, como seus irmãos, o seu pai não confiou aos demais essa responsabilidade.

Por *rivalidade entre os grupos*, observamos que o agente grupal, assim como os folgazões, busca posições de destaque em relação aos grupos rivais. A necessidade de se manter como referência de cultura e tradição de um brinquedo o leva a realçar as suas qualidades, seja com resultados positivos no concurso do Recife, seja se destacando em relação à beleza de suas vestimentas.

Elucidando essa categoria, conversamos com o mestre, que expressa a sua opinião sobre esse comportamento ao sair da passarela do concurso do Recife. Com cara de poucos amigos, e falando baixo, ele afirma ter perdido ponto porque o sapato do bandeirista não estava brilhando na lantejola. Fala também que eles têm que sambar bonito, cantar certo, os folgazões têm que estar com todos os adornos no lugar.

Por *Interesse dos folgazões nos ensaios*, entendemos a presença dos brincantes nos eventos prévios ao carnaval, momentos que eles têm para manobrar, alinhar e aperfeiçoar seus movimentos a fim de atingir o desempenho esperado. Entretanto, enquadramos essa faceta nessa categoria pelo fato de identificarmos, nesse ato, uma estrutura de poder voltada para a delimitação de espaço, por parte do folgazão, independente do papel que eles assumam.

Como exemplo dessa categoria, fomos ao ensaio do maracatu Piaba de Ouro e nos foi dito que o grupo realizava seu último ensaio antes do carnaval. Percebemos que havia muitos brincantes, que o maracatu ensaiava com quase a totalidade dos folgazões.

Pelo fato de o maracatu ser um brinquedo típico do carnaval, interpretamos a presença dos folgazões como um compromisso deles com o grupo. Identificamos que pelo fato de ser o último ensaio do Piaba, antes do carnaval, muitos dos brincantes compareceram como uma forma de mostrar interesse, pois era necessário que eles passassem os últimos detalhes para não fazer feio nos desfiles.

Relacionando a categoria *manutenção da estrutura de poder* com a teoria de Bourdieu, identificamos a agência de diretores e mestres.

Observamos que, no tocante ao campo, há sempre *classes* dominantes como grupos, diretores e folgazões (que demarcam seu território por meio de sua presença, em relação aos faltosos). Evidenciamos um *doxa* nessa manutenção, uma vez que está intrínseco ao brinquedo e é consensual, entre os folgazões, a ideia de buscar legitimar-se superior, de mostrar poder em relação aos grupos rivais. Identificamos um *nomos* na rivalidade por beleza, tendo em vista esta se tratar de uma norma que regula o funcionamento do campo, assim como a participação dos folgazões nos ensaios, pois caso não demonstrem interesse, podem correr o risco de não participar mais dos eventos de carnaval com o grupo.

Em relação aos *habitus*, reconhecemos um *ethos*, uma vez que “o poder” é responsável pelas ações dos agentes, que condicionam sua forma de pensar e brincar no maracatu, em busca de permanecer nessa estrutura. Reconhecemos uma *hexis* na postura de sucessão dos diretores, na presença dos folgazões nos ensaios, e nas rivalidades entre os grupos.

Em relação aos capitais, reconhecemos o *social*, uma vez que essa prática ocorre por meio das relações sociais entre agentes grupais, reguladores e apreciadores. Identificamos o *capital cultural*, pois desde cedo são ensinados a buscar manter-se no poder. Identificamos o *capital econômico*, em que, por intermédio dos recursos financeiros, agentes, direção, mestre ou folgazão poderão investir mais no grupo ou em suas fantasias, isso lhes proporcionará maior exibição e chances de destacar-se em relação aos demais.

Por fim, nas relações de poder, identificamos uma *reprodução social*, uma vez que essa postura de manter-se no poder está cada vez mais consolidada no campo. Identificamos também uma *violência simbólica*, por meio do reconhecimento dos vitoriosos, que acabam estereotipando o modelo de brincantes de maracatu, caracterizando um *poder simbólico* em relação aos demais.

ATUAÇÃO DO GOVERNO NA ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS

Por *Atuação do Governo*, entendemos o poder legítimo exercido pelo Estado em desempenhar e proporcionar uma estrutura condizente para a realização do espetáculo do carnaval, seja nos níveis municipal, seja estadual.

Ilustrando essa categoria, apresentaremos o que foi observado na organização do concurso. Este é organizado de acordo com categorias que são compostas pela representatividade de cada grupo. Grupo de Acesso, Grupo 2, Grupo 1 e Grupo das Especiais. Quanto à infraestrutura dos eventos, vimos diferenças de acordo com as categorias disputadas.

Por *descompromisso do Governo com a organização*, entendemos a falta de importância dos órgãos públicos em relação a alguns polos de carnaval descentralizados. Sem oferecer uma infraestrutura para o desfile dos brinquedos populares.

Exemplificando essa categoria, observamos na exibição do Maracatu Leão Formoso de Olinda, no Morro da Conceição, que o grupo apresentou-se no meio da rua, dividindo o espaço com carros, motos e telespectadores, em um ambiente superapertado. Foi montado um minipalco na calçada, que não acomodava bem os componentes do terno.

Por *reconhecimento dos folgazões*, identificamos o tratamento diferenciado, com afetividade dos agentes reguladores com os folgazões.

Ilustramos essa categoria com o carnaval de Nazaré, em que os folgazões, desde o início do dia, concentram-se na entrada da cidade aguardando o início das apresentações. Dada a largada, os grupos caminham até a igreja da matriz, onde pessoas da prefeitura os aguardam para preencher um formulário e esperar a sua vez. Nesse processo de aguardar para preencher uma ficha, observamos que havia pessoas da organização circulando com bandejas e servindo água para os folgazões. Essa ação nos fez refletir a respeito do cuidado da organização com os grupos de maracatus, uma vez que ela os trata de fato como artistas.

Relacionando a categoria *atuação do Governo na organização dos eventos* com a teoria de Bourdieu, identificamos o agente regulador Governo Municipal e Estadual.

Em relação ao campo, identificamos uma *classe* dominante, a Prefeitura/Governo, tendo em vista esta ser responsável por propor um espaço para que os folgazões se apresentem. Identificamos um *doxa*, uma vez que é legítima e consensual a atuação e a importância dos agentes reguladores na organização dos eventos de carnaval, pois na sua ausência os espetáculos de exibição não são possíveis.

Em relação ao *habitus*, identificamos um *eidos*, tendo em vista que, baseado na ideia da preservação e divulgação cultural, assim como no retorno financeiro, os agentes reguladores atuam proporcionando polos de apresentações. Entretanto, observamos um *ethos* na proposta das regras do concurso, pelo fato de os organizadores não terem conhecimento profundo do brinquedo e, ao introduzir essas regras, tolhem os costumes dos brincantes. Reconhecemos uma *hexis* por meio de posturas de agentes atuantes na organização do evento, por exemplo, no caso de Nazaré da Mata, onde a produção do evento servia água em bandejas para os folgazões.

Em relação aos capitais, reconhecemos o *capital social*, pois é por meio das articulações entre agentes grupais e reguladores que o evento pode ocorrer. *Capital econômico*, porque a Prefeitura/Governo são os grandes detentores dos recursos financeiros que proporcionam o evento. Também o *capital simbólico*, tendo em vista eles possuírem o reconhecimento dos brincantes.

Por fim, nas relações de poder, identificamos uma *violência simbólica*, pelo fato da atuação desses órgãos reguladores privilegiarem uns grupos em detrimento de outros. Observamos o *poder simbólico* desses agentes por meio do reconhecimento dos folgazões que, mesmo insatisfeitos com algumas condutas, acreditam que esses agentes proporcionam as melhores condições.

ABRE ALAS QUE O MARACATU VAI PASSAR

Entendemos essa categoria, por meio da disposição dos folgazões interna e externamente ao campo econômico e político, adaptando-se, ou não, às normas estabelecidas pelos agentes reguladores, por exemplo, no concurso e/ou na própria estrutura do brinquedo, para manterem o maracatu vivo e atuante no cenário cultural.

Para ilustrar essa categoria, observamos, na fala do mestre do grupo Leãozinho de Aliança como eles encaram essa adequação:

Essa coisa do maracatu de baque solto ou de qualquer outro brinquedo da cultura popular está se transformando numa coisa de mercado é uma imposição muito maior de uma política do Estado, de um momento do próprio mercado. Às vezes o maracatu, ele se adapta ao palco. Vai pra um palco. Não porque se sente melhor num palco, porque maracatu nenhum fica bem no palco. Maracatu, ele só brinca bem no chão. Mas me diga uma coisa, se a atenção maior é para o palco, se o dinheiro maior tá no palco, se o povo só dá valor ao que tá no palco, o que tá alto, que tá cheio de luz em cima, uma maneira que a cultura popular tem de se defender é também subir no palco. Dentro desse processo é uma maneira de resistir, de aparecer e de continuar sendo importante dentro de um contexto importante que é o carnaval e desse formato de carnaval. O maracatu acaba tendo também, como as outras culturas populares, de se modificar ao palco.

Por *desrespeito à ordem*, entendemos como as atitudes expressas pelos folgazões, em campo, ao se comportarem de forma diferente em relação ao que se espera do comportamento dos brincantes, por exemplo, obedecer às regras impostas pelos agentes reguladores.

Ilustrando essa faceta, a abertura do carnaval do Recife 2013, os Maracatus: Piaba de Ouro e Leão de Condado deveriam desfilar. O Piaba chegou atrasado, fazendo O Leão de Condado esperá-lo. O Piaba, devido à sua representatividade no campo do maracatu, não quis respeitar o tempo limite de apresentação do palco, indo contrário ao que a organização determinava e passando mais tempo do que o previsto.

Por *padronização e compromisso com fantasias*, entendemos a postura estética dos folgazões em relação às normas estabelecidas pelos agentes reguladores quanto às fantasias. Identificamos que, quanto mais liberdade eles têm de brincar, tanto menos compromisso com esses padrões são observados.

Ilustrando essa categoria, conversamos com o mestre (Maracatu Leãozinho de Aliança) ao final do desfile, no concurso de 2013, a respeito do que ele achava das regras do concurso do Recife.

Perdemos ponto porque o sapato do bandeirista, ele não tava fantasiado. A cultura tá pedindo que o bandeirista use o sapato todo brilhando na lantejoula (...). Tem que ter a formação de tudo pra gente não perder ponto nisso aí. A gente tem que sambar bonito, tem que cantar certo, o mestre tem que tá com seu chapéu, principalmente sua bengala e apito.

A fala do mestre demonstrava cara de poucos amigos, ele falava baixo. Identificamos nessa postura desanimada que, apesar dos folgazões aceitarem as regras do concurso, eles não admitem talvez o fato de pequenos detalhes desclassificá-los na competição.

Oposta à faceta anterior, entendemos por *falta de compromisso com as fantasias* as limitações dos folgazões em relação às normas estabelecidas pelos agentes reguladores quanto às fantasias. Percebemos que, quanto mais liberdade eles têm de brincar, tanto menos compromisso com esses padrões são observados.

O grupo de Maracatu Rural, que pretender desfilar no Concurso do Carnaval do Recife, precisa adequar-se aos padrões estabelecidos pela Federação Carnavalesca de Pernambuco junto à Associação dos Maracatus de Baque Solto. Um dos jurados do desfile afirma que, antigamente, os folgazões brincavam descalços, e a Associação de Baques Soltos reorganizou as regras, colocando a utilização dos sapatos como adereço das fantasias. Sendo assim, os grupos devem estar mais ou menos padronizados para que o maracatu mantenha uma harmonia.

Em relação à *falta de personagens no cortejo*, essa prática está condicionada às normas dos agentes reguladores, ao estabelecer regras que ditam também os personagens que devem conter o brinquedo.

O diretor do Maracatu Leão Africano de Nazaré afirma que o concurso é muito exigente. Eles têm que levar o maracatu completo: rainha, rei, princesa etc. Na fala do diretor, observamos o quanto os responsáveis pelos grupos se sentem pressionados para atender às normas do desfile em Recife e se destacar para receber a premiação.

Por meio da *avaliação dos brincantes, em relação à atuação e postura dos Governos Municipal e Estadual*, é que os folgazões posicionam-se em relação às estruturas e condições de apresentações do brinquedo, principalmente, no tocante à postura dos grupos nos concursos do Recife.

Ilustrando essa categoria, em visitas aos locais de realização do concurso do carnaval 2013, no grupo das Especiais, conversamos com um folgazão do maracatu Cruzeiro do Forte (o grupo vence essa categoria faz dez anos) sobre a sua avaliação em relação à atuação da prefeitura atuando nos grupos de maracatu, com as regras dos concursos. Ele responde:

Eu sou a favor do desfile, né? E das diferenças, entendeu? (...) Ele vai determinar um padrão de brincadeira que nem sempre é o padrão que se deseja pelos tocadores (...). Lá não pode cantar catimbó, não pode cantar jurema nenhuma. Lá tem que ser marcha e samba como todo mundo faz. Você padroniza uma estrutura e não respeita a diversidade.

Identificamos na fala de Caboclo uma inquietação por parte do brincante, que por meio das regras criadas pelos agentes reguladores, impede que os folgazões expressem o que realmente fazem nos terreiros, nos ensaios. Entretanto, eles cedem aos padrões porque querem desfilar e também ser reconhecidos como campeões.

Por *influência das mídias*, entendemos a capacidade que elas possuem para alterar a proposta do brinquedo, assim como o comportamento dos folgazões.

Para ilustrar essa categoria, conversamos com o mestre do Maracatu Leãozinho de Aliança, ocasião em que ele fala que:

O maracatu não é pra tá em palco, não é pra aparecer em televisão, não é nada. Infelizmente hoje, existe uma imposição do que tá na televisão é bom, o que tá no jornal é bom, e o que passa no marco zero é porque é bom. Pode acontecer de gerações futuras, é... Optarem pelo palco e achar que o palco é o melhor espaço do mundo. Pode, se o palco continuar sendo, essa espécie de altar. Que é uma consciência que vem sendo pregada. O palco é como se fosse um altar. É um momento de maior consagração de um artista, se isso ainda for pregado, ainda for praticado, eu acho que as gerações futuras tendem a achar que o palco, realmente é o melhor lugar e o maracatu tende a se transformar.

Na fala do mestre, observamos que a influência das mídias sobre a sobrevivência de uma cultura, assim como a sua promoção, refletem num condicionamento dos folgazões em querer fazer parte desse cenário de ostentação midiática.

Relacionando a categoria *Adequação dos folgazões em relação às normas do concurso* com a teoria de Bourdieu, identificamos os agentes grupais, reguladores e apreciadores. Essa dinâmica envolvendo os três agentes ocorre pelo fato de o brinquedo, composto pelos agentes grupais, ser encarado como um produto comercial, em que os agentes reguladores delimitam como deve ser o processo de produção para ser vendido ao agente apreciador, por exemplo turistas.

Analisando essa ação à luz da teoria de Bourdieu identificamos, no tocante ao campo, uma *classe* dominada, composta pelos agentes grupais, que busca manter-se viva, atuante e superior no mercado

cultural. Identificamos um *doxa*, uma vez que é consensual, entre os brincantes, o adaptar-se às regras impostas pelos agentes reguladores, caso haja interesse dos grupos participar do espetáculo do evento carnaval, onde há disseminação dos brincantes através da divulgação pelas mídias. Identificamos um *nomos* nesse modelo de apresentação, que por meio de regras próprias condicionam o comportamento dos folgazões, assim como as apresentações dos grupos.

No que diz respeito ao *habitus*, identificamos um *eidós* pensando que a atuação dos agentes reguladores baseados na crença do capitalismo, buscam criar modelos de cultura que sejam vendáveis no mercado cultural. Reconhecemos um *ethos*, por parte de agentes caboclos, que expressam suas preferências futebolísticas, através de suas fantasias. Identificamos uma *hexis* através da conduta dos diretores que, apesar de não concordarem, aceitam e ensinam como os folgazões devem comportar-se nos desfiles.

Em relação aos capitais, reconhecemos *capital econômico*, uma vez que no concurso os grupos que possuem maior poder aquisitivo podem investir em suas fantasias. *Capital simbólico*, porque os grupos que se sobressaem por conseguirem cumprir as normas são elevados à condição de exemplos e admiração. No *capital cultural*, os folgazões adquirem o conhecimento necessário para se comportar dentro do brinqueado de acordo com as normas impostas pelos agentes reguladores, que são transmitidas entre gerações como costumes naturais. *Capital social*, identificamos as articulações entre agentes grupais, reguladores e apreciadores, por meio da relação comercial envolvendo-os.

E, no tocante às relações de poder, identificamos uma *reprodução social*, uma vez que os agentes grupais aceitam essa padronização do brinqueado, no momento em que se adéquam ao mesmo, e comunicam aos folgazões como eles devem portar-se diante dessas regras. Percebemos uma *illusio*, uma vez que essas regras são apenas para atender uma lógica de mercado. Por *violência simbólica*, observamos o fato de os órgãos reguladores privilegiar uns artistas em detrimento de outros. Por fim, percebemos o *poder simbólico* dos agentes reguladores através do reconhecimento dos folgazões que, mesmo insatisfeitos com algumas condutas, acreditam que esses agentes os elevam ao reconhecimento do público tão desejado pelos folgazões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das circunstâncias apresentadas ao longo desta pesquisa buscamos entender como funciona essa dinâmica econômica, na prática, por meio do conceito de campo, assumindo então, a análise dessas relações de poder dentro do campo econômico. Partindo do princípio que o campo constitui-se em uma construção social, baseado em regras próprias, e esse campo funciona a partir da produção e trocas de produtos, assumimos, assim como Bourdieu, que questões políticas, históricas, e sociais não devem ser negligenciadas.

Reconhecemos o brinquedo maracatu rural como um campo, no sentido bourdieusiano, porque o folguedo apesar de fazer parte do conjunto de cultura popular do Estado de Pernambuco, e ter sofrido influências de brinquedos como o bumba-meu-boi, coco e cavalo-marinho, o maracatu rural tem particularidades que o diferencia dos demais brinquedos. Entretanto, o brinquedo na forma como era apresentado, apenas como lazer para os folgazões, não caracteriza atrativo para pessoas que não compartilham os códigos do brinquedo. Eis que o setor turístico utiliza desses recursos mal aproveitados para alavancá-los dentro de um mercado do entretenimento, enquadrando-o no nicho econômico voltado para os espetáculos de cultura popular do Estado. À medida que se vislumbra colocar o brinquedo no mercado do entretenimento, na lógica econômica, é necessário que ele se adéque às regras do campo econômico, mesmo que para isso tenha que suprimir as regras de seu próprio campo, a fim de se tornar atraente aos olhos de um público leigo que o aprecie apenas como fantasia.

Nesse campo econômico, em que utiliza a cultura popular, Bourdieu traz a ideia de que essas trocas econômicas são possíveis devido aos capitais que os agentes do campo possuem e que esses capitais serão responsáveis por configurar as relações de forças desses campos, vemos a seguinte situação: Se, por um lado, estamos apresentando o poder que o campo econômico exerce sobre os brinquedos populares, para que eles façam parte de um mercado de entretenimento, por outro lado, observamos que no cenário do turismo cultural o maracatu rural é o brinquedo que possui maior destaque em relação aos demais. Ou seja, as trocas simbólicas, apresentadas por Bourdieu, são evidentes nesse cenário, uma vez que o

acúmulo de capitais (culturais, sociais e simbólicos), por meio dos agentes desse brinquedo, os distingue dos demais. Por exemplo, no caso do maracatu Piaba de Ouro, que é modelo de tradicionalidade entre os maracatus, se distinguiu dos demais grupos também pelo fato de seus diretores serem bem relacionados no meio político, sobretudo em relação aos órgãos responsáveis pela divulgação da cultura popular pernambucana, tendo um deles sido responsável pela criação de uma Associação para os Maracatus de Baque Solto.

Contudo, a análise do campo econômico por si só não é o suficiente para entendermos a dinâmica de poder no maracatu rural. Há um agente fundamental para essa discussão que consiste no campo político. De acordo com Bourdieu, a intervenção do Estado é fundamental para as mudanças no campo econômico. Diante do exposto, observamos o poder do Estado agindo dentro e fora do maracatu. Um exemplo de campo político atuando no brinquedo consiste na imposição da Federação Carnavalesca de Pernambuco, que exigiu que os grupos de maracatu de baque solto introduzissem os personagens que compõem a corte real. Essa medida arbitrária, a fim de atender à dinâmica do mercado do entretenimento, em que padronizar um modelo de maracatu poderia ser mais atrativo, faz que o maracatu rural perca mais a sua história e se enquadre em um modelo de produção. Historicamente, a corte real faz parte do maracatu nação, mas os folgazões do maracatu rural aceitaram essa medida porque, se não, seriam marginalizados dos eventos carnavalescos do Estado. Tal fato acarreta em uma reorganização da formação do brinquedo, a fim de atender as regras desse campo econômico.

Diante do exposto, passamos a refletir como os campos políticos e econômicos influenciam nas posições do campo do maracatu rural, sendo responsável pela sua transformação em produto cultural.

Evidenciamos que o maracatu rural consiste em um campo político de lutas, em que a sua sobrevivência está atrelada à forma como se posiciona em relação às regras do jogo do campo econômico, assim como ao acúmulo de capitais que os agentes possuem. Entretanto, é importante observar como esse campo econômico está lidando com as questões das trocas e produção dos produtos, uma vez que a sua regra valida apenas o capital econômico, e não considera questões históricas, sociais e políticas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

- BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C. “Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman.” **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez., 2010.
- BOURDIEU, P. **Razão práticas: Sobre a teoria da ação**, Campinas, SP: Papius, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira, São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**; introdução, organização e seleção Sérgio Miceli, 7. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. La fabrique de l’habitus économique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 150: 79-90, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**; tradução Fernando Tomaz, 16. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. “O campo econômico”. **Política & Sociedade**, 6: 15-58 (tradução de “Le champ économique”. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, 119: 48-66, 1997), 2005.
- EMPETUR – Empresa de Turismo de Pernambuco. **Turismo**. Disponível em <<http://www.pe.gov.br/conheca/turismo/>> Acessado em 15 de agosto de 2013.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**, 2. ed., Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GAIÃO, B.; LEÃO, A. A Configuração do Campo de Consumo do Vinho do Vale do São Francisco: Uma Luta por Preservação ou Subversão da Ordem Vigente no Consumo Vínico, **XXXVI Encontro ANPAD**, Rio de Janeiro, janeiro, 2012.
- GARCIA-PARPET, Marie-France. “A sociologia da economia de Pierre Bourdieu”. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 03.05: 91-117, junho, 2013.
- GAY, Paul do; PRYKE, Michael. **Cultural Economy: cultural analysis and commercial life**, London. Sage publications, 2002.
- GOFFMAN, E.; The neglected Situation. **American Anthropologist**, 66 (6): 133-166, dezembro 1964.
- GRILLO, Maria. Cavalo-marinho: um folgado Pernambucano. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 26, p. 138-152, dez., 2011.
- HEYL, Barbara. **Ethnographic Interviewing**. Handbook of ethnography. Sage: London, 2001.
- LACERDA, Angela. Maracatu de baque solto se multiplica; Olinda faz encontro anual. **O Estadão de São Paulo**, São Paulo, 16 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,maracatu-de-baque-solto-se-multiplifica-olinda-faz-encon->

[tro-anual,511871,0.htm](#)> Acessado em 15 de maio de 2012.

LEÃO, André L. M. S.; MELLO, Sérgio C. B. Apresentando a Etnografia da Comunicação ao Campo da Pesquisa em Administração. In: **I EnEPQ**, 2007, Recife. I EnEPQ, 2007.

LEÃO, André; MELLO, Sérgio. Atividades Marcárias na Vida Cotidiana dos Consumidores: Descoberta de uma Nova Forma de se Pensar as Marcas? **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 13, n. 1, art. 6, p. 92-116, jan./mar., 2009.

MORAES, Ulisses. **Pierre Bourdieu: Campo, habitus e capital simbólico. Um método de análise para as políticas públicas para a música popular e a produção musical em Curitiba (1971-1983)**. Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, 2006-2007.

NASCIMENTO, Denise e MARTELETO, Regina. A “Informação Construída” nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bourdieu. **Data Grama Zero**. Artigo 05, out., 2004. Disponível em <http://www.dgz.org.br/out04/Art_05.htm> Acessado em 15 de agosto de 2013.

NOVAES, Marcos. GIL, Antônio. A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas. **RAM – revista de administração Mackenzie**, v. 10, n. 1, 2009.

OLIVEIRA, Afonso. **Maracatu Rural – A magia dos canaviais**. Exposição Correios, Recife, 10 de mar., 2013.

PAIVA, F.; LEÃO, A. MELLO, S. **Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração**. EnEPQ, Recife/PE, novembro, 2007.

RAUD, Cécile. “Bourdieu e a nova sociologia econômica.” **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 19, n. 2: 202-232, novembro, 2007.

SHINOHARA, N.; MARTINS, C.; OLIVEIRA, K.; PADILHA, M.; PINTO, I. **O bolo Souza Leão: Pernambuco dos sabores culturais**. Contexto da Alimentação – comportamento, cultura e sociedade. Volume 2, Número 1, Ano 2013.

SILVA, Severino. Culturas do Açúcar em Pernambuco. **Artigo de revista de Pesquisa Histórica** – n. 26-2, 2008.

SINDETUR – Sindicato das Empresas de Turismo do Estado de Pernambuco. **Projeto Pernambuco conhece Pernambuco**. Publicado em 17 de abril de 2012. Disponível em <<http://sindeturpe.com.br/2012/04/projeto-pernambuco-conhece-pernambuco/>> Acessado em 15 de agosto de 2013.

TESSER, Paula. **Mangue beat: hùmus cultural e social**. LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos, Rio de Janeiro, ano 14, 1º. semestre 2007.

ULLRICH, D.; OLIVEIRA, J.; BASSO, K.; VISENTINI, M. Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: em direção à reflexividade analítica. **Análise – Revista de Administração da PUCRS**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 19-30, jan./abr. 2012.

Recebido em: 30-6-2016

Aprovado em: 20.9.2016

Avaliado pelo sistema double blind review.

Editor: Elmo Tambosi Filho

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>